



**William Berger**

**O Teatro do Poder e o Teatro do  
Oprimido: formas de resistência e  
intervenção social em Caieiras Velhas  
Aracruz, ES (2006-2011)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca

Rio de Janeiro  
Abril de 2012



**William Berger**

**O Teatro do Poder e o Teatro do  
Oprimido: formas de resistência e  
intervenção social em Caieiras Velhas  
Aracruz, ES (2006-2011)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Denise Pini Rosalem da Fonseca**

Orientador

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

**Profa. Ilda Lopes Rodrigues da Silva**

Departamento de Serviço Social - PUC-Rio

**Prof. Augusto Cesar Pinheiro da Silva**

Departamento de Geografia - PUC-Rio

**Profa. Mônica Herz**

Vice-Decana de Pós-Graduação do  
Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de abril de 2012

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

## **William Berger**

Graduou-se em Serviço Social na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) em 2008. Kursou Teatro na Escola de Teatro e Dança FAFI (ES) e Direção Cinematográfica na Escola de Cinema Darcy Ribeiro (RJ). Multiplicador do Teatro do Oprimido pelo Centro de Teatro do Oprimido (RJ). Liderança Comunitária formado pela Associação Diacônica Luterana – ADL (1999-2001), onde lecionou em 2012 as disciplinas Corpo em Expressão II e III (Teatro do Oprimido), Comunicação e Expressão I, II e III e Análise de Conjuntura e Intervenção Social. Ministrou oficinas de Teatro do Oprimido em aldeias indígenas no ES, em assentamentos, acampamentos e encontros do MST.

## Ficha Catalográfica

Berger, William

O teatro do poder e o teatro do oprimido: formas de resistência social em Caieiras Velhas. Aracruz, ES (2006-2011) / William Berger ; orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca. – 2012.

183 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Serviço social – Teses. 2. Identidade. 3. Lugar. 4. Territorialidade. 5. Resistência social. 6. Teatro do poder. 7. Teatro do Oprimido. I. Fonseca, Denise Pini Rosalem da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Dedico este trabalho à memória de meu avô Otto Berger, grande mestre, que me ensinou a amar a terra: plantar, cuidar (cultivar) e colher!

Aos indígenas Tupiniquim que me receberam com tanta generosidade e cuidado e apresentaram sua Cultura.

A Denise Pini Rosalém da Fonseca, minha orientadora, que tão generosamente deu-me espaço e suporte para viver teatro na universidade!

## Agradecimentos

Em especial agradeço às pessoas que foram imprescindíveis a esse processo de investigação como os indígenas Tupiniquim e sua memória enquanto povo que me fortaleceram a todo momento a continuar mesmo diante das dificuldades que não foram poucas.

A minha família, minha mãe Diana Berger, minha irmã Clayde Berger, minha sobrinha Larissa Berger Ferreira, minha afilhada Yasmin Berger Oliveira, e meu cunhado Marcelo Vieira que me fortaleceram a todo o tempo.

À PUC-Rio por apostar em mim e neste trabalho.

A Denise Pini Rosalém da Fonseca, minha orientadora, que acolheu esta pesquisa com tanto entusiasmo e me motivou a falar de teatro e a experiência com os Tupiniquim.

Ao professor Roberto Augusto Damatta que nos iluminou na operação de inversão do objeto em suas aulas.

À professora Ilda Lopes Rodrigues Silva e ao professor Augusto César Pinheiro que enriqueceram com suas contribuições o debate interdisciplinar que nos lançamos.

À professora Inez Teresinha Stampa (coordenadora da Pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio).

À mui especial professora Andréia Clapp Salvador e ao professor Rafael Soares Gonçalves que acreditaram e apostaram na importância e necessidade deste estudo ainda em sua fase embrionária.

À professora Ana Quiroga que tanto contribuiu com sua atenção irrestrita, suas aulas, diálogos e sugestões de leituras.

À professora e militante, nossa pedra de tradução, Gilsa Helena Barcellos que me recebeu com tanto zelo.

A Sheila Perim Lopes (assistente social e multiplicadora do Teatro do Oprimido no ES) que de forma tão generosa se dispôs a ajudar de todas as formas a realização da fase de campo e doou o computador que finalizou este texto.

À grande atriz e mestre Margareth Galvão pelas leituras e práticas de Brecht.

Ao ator e cientista social Agostino Lazzaro e aos funcionários do Arquivo Público do ES por seu carinho e atendimento atencioso.

A todos os meus colegas de pós-graduação da PUC-Rio e em especial à turma do mestrado em Serviço Social de 2010.

Aos funcionários da PUC-Rio representados na figura de Joana Maria Félix (secretária da pós-graduação em Serviço Social-PUC-Rio) por seu atendimento e atenção.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional (RJ) pelo atendimento qualitativo.

À professora Maria Helena Tenório (UERJ) e Isabel Cardoso Costa que se dispuseram a dialogar em momentos tão especiais.

À professora Yolanda Demétrio Guerra (UFRJ) que no início desta pesquisa incentivou sua continuidade.

Ao Centro de Teatro do Oprimido e todos os curingas formados por Augusto Boal pela formação e espaço.

Em especial à curinga Claudete Félix que me recebeu em sua casa quando cheguei no Rio de Janeiro e esse projeto não era ainda nem um sonho.

A Fernando Gasparini, amigo que me acolheu quando não tinha para onde ir no Rio de Janeiro e me deu um lar.

A Karina Assunção, amiga que me fortaleceu com seu carinho e apoio.

A Waldo Motta, grande mestre, presente em todos os momentos de minha formação no ES em gestos, falas e atos que me edificaram como artista.

Ao professor John Cowart Dawsey (USP) que com sua produção extraordinariamente instigante nas Ciências Sociais me inspirou a concluir no CAP (Centro de Atendimento à Pesquisa) da USP diante da memória dos grandes pesquisadores deste país literalmente olhando para mim através de suas imagens e produções.

E por fim ao CNPQ pela concessão da bolsa sem a qual não teria sido viável a realização deste trabalho.

Ainda que possa não ter mencionado alguns nomes gostaria de expressar a todos os seres humanos envolvidos nessa pesquisa minha profunda gratidão pela possibilidade de resistir e transformar, palavras caras ao Teatro do Oprimido.

Viva Boal, Dioniso, Yanderú e Tupã! Salve a vida!

## Resumo

Berger, William; Fonseca, Denise Pini Rosalem da. **O Teatro do Poder e o Teatro do Oprimido: formas de resistência e intervenção social em Caieiras Velhas. Aracruz, ES (2006-2011)**. Rio de Janeiro, 2012. 183p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa tem por objeto de estudo a intervenção teatral como forma de intervenção social que busque reconhecer formas de resistência social de grupos sociais em situação de subalternidade para valorizá-las, recuperando uma discussão já iniciada no Serviço Social. O objeto empírico tratado é um conjunto de intervenções teatrais realizadas na localidade de Caieiras Velhas, município de Aracruz, ES, entre 2006 e 2011 pelo Teatro do Oprimido, com a participação do autor deste estudo. Na introdução se justifica a utilização da imagem mitológica da Fênix para caracterizar a resistência social do povo indígena Tupiniquim, moradores tradicionais daquele território. Inicialmente se apresenta uma breve reflexão teórica sobre subalternidade a partir dos trabalhos de James Scott, Gayatri C. Spivak e Antônio Gramsci. Para subsidiar a discussão da metodologia da pesquisa se apresenta um panorama da metodologia do Teatro do Oprimido, entrecruzando as cinco categorias dos jogos e exercícios deste método com as categorias teóricas adotadas para definir os sujeitos, o lugar e as pertencas dos subalternos em Caieiras Velhas. A primeira categoria teórica é a de **identidade**, construída a partir das discussões de Manuela Carneiro da Cunha, Manuel Castells, Stuart Hall e Zygmunt Bauman. A segunda é **lugar/territorialidade**, e seu pressuposto —**território**—, compreendida a partir de Yi Fu Tuan, Milton Santos, Rogério Haesbaert e Claude Raffestin. A terceira categoria teórica é **resistência social**, baseada na concepção de James Scott. A quarta categoria é **memória/experiência** a partir de Ecléa Bosi, Carlos Rodrigues Brandão e Walter Benjamin. A estruturação do texto parte de uma breve descrição dos moradores da aldeia Tupiniquim Caieiras Velhas. A tematização do estudo foi extraída das intervenções realizadas pelo Teatro do Oprimido naquele território. Com a contribuição da Antropologia se caracteriza o teatro do poder que se deseja

conhecer e discutir, situando a metodologia do Teatro do Oprimido neste contexto. Este trabalho tem ênfase nas mulheres do território, com o objetivo de aprofundar o conhecimento das suas atuais formas de resistência à dominação.

## **Palavras-chave**

Identidade; Lugar; Territorialidade; Resistência social; Teatro do poder; Teatro do Oprimido.

## Abstract

BERGER, William; FONSECA, Denise Pini Rosalem da (Advisor). **The Theater of Power and the Theater of the Oppressed: Social Resistance and Intervention in Caieiras Velhas. Aracruz, ES (2006-2011).** Rio de Janeiro, 2012. 183p. MSc. Dissertation - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation's focus is the theater interventions as a mean to recognize the forms, contents and importance of social resistance of subaltern groups, a perspective already tried by the Social Work area in the past. The experience under discussion is a set of workshops undertaken by the Theater of the Oppressed at the village of Caieiras Velhas, Aracruz County, Espírito Santo State, Brazil, between 2006 and 2011, with the participation of the author. This work begins with the suggestion of the Phoenix Myth as a symbolic representation of the social resistance of the Tupiniquim People, natives of that territory. The theoretical appropriations start with considerations about subalternity based on the works of James Scott, Gayatri C. Spivak and Antônio Gramsci. The methodological aspects of the research are described and discussed in the lights of the Theater of the Oppressed methodology, cross relating its five stages of exercises and games with the adopted theoretical concepts, to describe the subjects, their place and their cultural sense of belonging at Caieiras Velhas. The first theoretical category adopted is **identity**, approached through the works of Manuela Carneiro da Cunha, Manuel Castells, Stuart Hall and Zygmunt Bauman. The second one is **place/territoriality**, and therefore – **territory** – based on the discussions of Yi Fu Tuan, Milton Santos, Rogério Haesbaert and Claude Raffestin. The third and last theoretical category is **social resistance**, with focus on James Scott's conceptions. The fourth category is **memory/experience** from Ecléa Bosi, Carlos Rodrigues Brandão and Walter Benjamin. The structure of the text begins with a description of the Tupiniquins within their own territory. The themes that organize the next chapters were extracted from the workshops of the Theater of the Oppressed occurred in Caieiras Velhas. From an anthropological point of view, this work discusses the theater of power in the village by using the methodology of the

Theatre of the Oppressed. This work has emphasis on women's territory, in order to deepen their knowledge of current forms of resistance to domination.

## **Keywords**

Identity; Place; Territoriality; Social Resistance; Theater of the power; Theater of the Oppressed.

## Sumário

1. Introdução – Uma Fênix Tupiniquim	18
2. O Teatro do Poder e Teatro do Oprimido	27
2.1. O Teatro do Poder: um micro-teatro	38
2.1.1. O Cenário: descrevendo os subalternos em questão em seu território	45
2.1.2. Gestos, falas e atos de resistência social em Caieiras Velhas	90
3. O Teatro do Oprimido: as cinco categorias dos joguexercícios	107
3.1. Sentir tudo o que se toca – <i>lugar, territorialidade e território</i>	120
3.2. Escutar o que se ouve – <i>identidade</i>	129
3.3. Ativando os vários sentidos – <i>territorialidade, identidade, subalternidade e formas de resistência social</i>	133
3.4. Ver tudo o que se olha – <i>identidade, território, territorialidade e resistência Social</i>	134
3.5. A memória dos sentidos – <i>experiência e memória</i>	135
3.6. Um antropólogo lendo um teatrólogo – Scott conversa com Boal	139
4. Enfrentando um Campo de Pesquisa	141
5. Considerações Finais	144
6. Referências Bibliográficas	147
7. Anexos	155

## Lista de Ilustrações e Tabelas

Ilustração 1- Mapa dos territórios indígenas no ES	45
Tabela 1- Território Tupiniquim de 1979 e 1983	45
Ilustração 2- Imagem do território	46
Tabela 2- População Indígena Tupiniquim	46
Ilustração 3- 3ª auto-demarcação (2007). Violência corporal e simbólica contra os Tupiniquim	56
Ilustração 4- Banda de Congo de Caieiras Velhas - resistência cultural e política Tupiniquim	56
Ilustração 5- Mulher Indígena Tupiniquim Tradicional - Antes da invasão Portuguesa de 1500 (pictórico)	61
Ilustração 6- BR ES-456 que atravessa Caieiras Velhas	74
Ilustração 7- Cemitério de Santa Cruz	78
Ilustração 8- Cemitério de Santa Cruz	78
Ilustração 9- (montagem) Nossa Senhora Aparecida e São Benedito (Igreja Católica de Caieiras Velhas)	81
Ilustração 10- Pilão - instrumento para maceração de alimentos	94
Ilustração 11- Vestimenta Tradicional Tupiniquim - Tanga	95

Ilustração 12- S. se pinta para a Festa do Dia do Índio 04/2011	97
Ilustração 13- Jovem do grupo de Danças Tradicionais Indígenas Tupiniquim adornada para a Festa do Dia do Índio. 04/2011	99
Ilustração 14- (montagem-detelhe) Jovem do grupo de Danças Tradicionais Indígenas Tupiniquim adornada para a Festa do Dia do Índio. 04/2011	99
Ilustração 15- (montagem-detelhe) Jovem do grupo de Danças Tradicionais Indígenas Tupiniquim adornada para a Festa do Dia do Índio. 04/2011	99
Ilustração 16- Raízes e garrafada do pajé, Festa do Dia do Índio, 04/2011	104
Ilustração 17- Árvore do Teatro do Oprimido	114

## Lista de Siglas

ABA – Associação Brasileira de Antropologia

ABEPSS – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social

AITG – Associação Indígena Tupiniquim e Guarani

Amtapama – Associação dos Povos Tupi de Mato Grosso, Amapá, Pará e Maranhã

ANAÍ – Associação Nacional de Apoio ao Índio

ARCEL- Aracruz Celulose

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento

CAPOIB – Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas

CCPY – Comissão pela Criação do Parque Yanomami

CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação

CLACSO – Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas

Cofavi – Companhia Ferro e Ação de Vitória

COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia

COMIN – Conselho Missionário Nacional

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CPI – Comissão Pró-Índio

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

CTI – Centro de Trabalho Indigenista

CTO – Centro de Teatro do Oprimido

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

ES – Espírito Santo

EUA – Estados Unidos da América

FASE – Federação de Apoio Social e Educacional

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GTI – Grupo de Trabalho Indigenista

GTME – Grupo de Trabalho Missionário Evangélico

Grequi – Grupo de Estudos da Questão Indígena

LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros

MMC – Movimento de Mulheres do Campo

NISI – Núcleo Intersetorial de Saúde Indígena

OEA – Organização dos Estados Americanos

OPAN – Operação Anchieta

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem forma de nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado para sempre, à margem de nós mesmos.”

(Fernando Pessoa)